Os testes na orientação vocacional e profissional*

J. DRAIME**
A. JACQUEMIN***

A prática dos testes, freqüentemente questionada, está apresentada e discutida no contexto da orientação vocacional e profissional, tendo como referencial os centros psicomédico-sociais implantados há várias décadas na Bélgica.

No momento, a prática dos testes está sendo questionada em quase todos os setores da psicologia aplicada. Diversos trabalhos recentemente publicados evidenciam as preocupações e críticas daqueles que se utilizam dos testes no seu trabalho cotidiano. Este questionamento atingiu também os Centres Psycho-Médico Sociaux da Bélgica. Tratando-se de serviços estruturados e funcionando há várias décadas, considerou-se interessante apresentar a evolução da utilização das técnicas psicométricas na prática vocacional e profissional deste País, como subsídio e reflexão para o nosso meio.

A orientação escolar e profissional na Bélgica inicia-se por volta de 1925, e o desenvolvimento dos Centros Especializados em Orientação após a II Guerra Mundial. Desde sua implantação, os centros eram direcionados exclusivamente para a medida das aptidões psicomotoras, a fim de atender os pedidos de orientação profissional dos jovens. Durante 20 anos, até o início dos anos 60, a utilização dos testes de aptidões, interesses e, ainda, de personalidade ampliou-se de modo considerável. A orientação resumia-se à aplicação maciça de testes coletivos cujos resultados, após análise, eram sintetizados em termos de direcionamento de estudos. Os objetivos da maioria destes testes continuavam limitados, seja visando a adaptação às condições de um ambiente de trabalho para os jovens que ingressavam cedo numa profissão manual, seja clarificando o conteúdo dos estudos a iniciar, tanto no plano das aptidões intelectuais quanto no dos interesses. Assim sendo, não se podia falar de progresso de orientação, visto que a intervenção limitava-se à aplicação coletiva dos testes e, em certos casos, o contato com o consultante reduzia-se ao único momento do aconselhamento.

Com o desenvolvimento da psicanálise e das teorias não-diretivas que insistem na compreensão em profundidade da pessoa, a utilização dos testes em orientação vai conhecer uma primeira fase crítica: o lugar da orientação vai se deslocar da sala

* Artigo apresentado à Redação em 18.2.88.
** Diretor do Centre d'Orientation et de Consultation Psychologique et Pedagogique – Université de Louvain, Bélgica.
*** Professor titular no Departamento de Psicologia e Educação – FFCL – Ribeirão Preto – USP. (Endereço do autor: Av. dos Bandeirantes, 8 – Ribeirão Preto – SP.)

dos exames coletivos para o consultório do psicólogo. Os testes, entretanto, vão continuar prestigiados, para manter o início do diálogo entre o psicólogo e o consultante. Progressivamente, os testes de aptidões e interesses vão sendo substituídos pelos projetivos, entre os quais o teste de Rorschach e o TAT de Murray. Os psicólogos tentam, assim, abordar a orientação através da compreensão da personalidade profunda. Entretanto, a atitude fundamental do psicólogo frente a seu cliente continuava sendo a da objetivação: ele analisa, examina, entende a pessoa, que continua sendo o objetivo manipulado, que não participa de modo efetivo no seu processo de orientação.

Os anos 70 foram marcados por influências novas, provenientes, de um lado, de uma reflexão institucional e, de outro, da teoria do potencial humano. Este período não terá influência direta sobre a utilização dos testes, cuja aplicação continua reduzida. A análise institucional vai levar o psicólogo a sair do seu contexto estreito "aluno-escola" para colocar o problema da orientação num contexto político mais amplo, interrogando-se, entre outras coisas, sobre o papel que ele desempenha no conservadorismo escolar, garantindo, pelas suas intervenções, a ordem escolar estabelecida. A teoria do potencial humano leva o psicólogo a interessar-se pelo crescimento do maior número, em oposição a sua preocupação pelos deficientes, remediação dos grupos menores. Levado a pensar em termos de saúde, de doença, de potencialidade em lugar de inadaptação, o psicólogo vai implantar estratégias de prevenção, como, por exemplo, a animação de grupos centrados sobre a expressão de si próprios ou sobre o desenvolvimento pessoal.

Hoje, na década de 80, estamos num momento de síntese, caracterizado por uma vontade de ecletismo desejoso de aproveitar o melhor do passado para preparar o futuro. Este poderia ser o lema do novo teste de orientação, o teste de Achtnich. Ao mesmo tempo que tenta avaliar a estrutura das tendências profundas do indivíduo, não pretende clarificá-las senão para ajudá-lo a se projetar de maneira mais livre no seu futuro.

Qual é hoje o lugar dos testes em orientação e qual é a opinião dos psicólogos? Para responder tal questão, utilizaremos uma ampla investigação realizada pela comissão internacional dos testes, com 65 psicólogos ou pedagogos belgas pertencentes a 27 centros de orientação. Comentaremos sucessivamente as respostas fornecidas pelos entrevistados às diferentes perguntas da investigação.

• *Na sua prática profissional, o lugar ocupado pelos testes é menos ou mais importante agora que no passado? Por quê?*

Sessenta e sete por cento das respostas exprimem uma menor importância atribuída hoje aos testes. As razões evocadas traduzem uma rejeição da aplicação dos testes coletivos e sistemáticos realizados nos momentos-chave do ensino (fim dos cursos primário e secundário). Critica-se a validade medíocre das provas utilizadas, a constância relativa dos resultados e, finalmente, o fraco valor preditivo dos mesmos.

Vinte e cinco por cento das respostas referem-se a uma utilização tão importante hoje quanto anteriormente. As justificativas indicam o uso dos testes projetivos ou os exames efetuados com alunos das escolas maternais com os quais a entrevista é freqüentemente impossível. Também os testes são considerados como um método mais objetivo de investigação dos problemas colocados, em relação às opiniões fornecidas durante uma entrevista.

Somente oito por cento indicam um uso maior.

Sintetizando o conjunto dos comentários expressos, parece que a abordagem coletiva e quantitativa está sendo progressivamente substituída pela individual e

qualitativa, buscando maiores informações num contexto relacional melhor. O caráter padronizado e objetivo da situação de teste poderia provocar um fenômeno de bloqueio do indivíduo frente ao psicólogo.

A análise do pedido e o "ouvir" clínico mostrar-se-iam mais eficazes do que a aplicação dos testes. Acrescente-se ainda que, no conjunto, os testes projetivos e de interesses são menos atingidos pela regressão.

• *Como você encara a utilização dos testes? Onde situá-la? O que se espera em relação aos objetivos pretendidos nas suas investigações?*

Setenta e dois por cento das respostas traduzem as seguintes opiniões: no trabalho individual, a utilização dos testes aparece como secundária em relação à entrevista. Os testes forneceriam um conteúdo, podendo ajudar o início do diálogo ou relançá-lo, se necessário. No limite, os testes deveriam somente ser empregados para suprir as deficiências dos encontros individuais. A aplicação coletiva dos testes permitiria juntar rapidamente informações sobre um conjunto de alunos. Entretanto, o conhecimento global obtido deve ser analisado e matizado com o objetivo de reencontrar as dimensões individuais. Em relação à utilização dos testes em função dos problemas escolares, as provas de aptidões fatoriais são nitidamente depreciadas, visto que suas correlações com os resultados escolares não são significativas, na maioria dos casos. Por outro lado, os testes de avaliação do nível de maturidade intelectual, melhor relacionados com as aprendizagens escolares e as operações mentais nelas incluídas, são melhor aceitos. Também os psicólogos percebem melhor a utilidade dos testes que investigam os métodos de estudo e as motivações.

• *Quais são as objeções que você formula em relação à utilização dos testes?*

Três níveis de críticas são apresentados:

– Críticas técnicas: 85% das opiniões exprimem críticas visando o teste como instrumento ao nível de sua validade. Salientam também o fato de os resultados serem por demais dependentes de fatores diversos daqueles abordados pela investigação, tais como: a motivação e atenção dos sujeitos testados, as condições de tempo e de lugar relacionadas com a aplicação dos testes. Outras críticas salientam ainda que os objetivos dos testes são mal conhecidos ou imprecisos.

– Críticas sociológicas: 82% das opiniões traduzem objeções de ordem sócio-cultural. As influências sócio-culturais introduzem vieses prejudiciais numa investigação válida e objetiva. Certas respostas denunciam mais particularmente os prejuízos que sofrem os sujeitos provenientes de meios sócio-culturais desfavorecidos. É o caso, em particular, dos testes verbais.

Por outro lado, a utilização por demais freqüente dos testes cria a indiferença e até a resistência dos sujeitos. Da mesma maneira, o uso abusivo dos testes na indústria ou na seleção cria um clima de suspeita que acaba se ampliando para a orientação, tornando-se difícil convencer o sujeito que a aplicação de testes possa contribuir verdadeiramente para uma relação de ajuda.

– Críticas morais: 45 psicólogos em 65 formulam críticas deste tipo. Uma parte das mesmas (64%) trata do sujeito submetido ao teste. Salienta-se o risco da intrusão na personalidade, sobretudo com a utilização dos testes projetivos. Outros comentários abordam a perda da liberdade do sujeito, cuja decisão de orientação seria por demais dependente dos resultados obtidos nos testes.

Uma outra parte das críticas (20%) trata dos usuários dos testes. Estas críticas abordam o desprezo, às vezes constatado, a respeito do caráter confidencial dos resultados, ou ainda, a desculpa que os testes podem fornecer aos psicólogos que fogem da relação interpessoal ou recusam engajar-se no aconselhamento.

• *Como utilizar os testes de modo a evitar estas objeções?*

Oitenta e nove por cento das respostas traduzem soluções construtivas. Insiste-se no maior rigor necessário às condições de aplicações e interpretações dos testes, assim como em relação à validade dos instrumentos utilizados e de seus limites.

• *Em relação aos sujeitos testados.* Salienta-se a importância de integrar os testes num procedimento mais amplo, implicando outras abordagens. Refere-se também à necessidade de individualizar a aplicação dos testes e de adaptá-los à problemática do sujeito. A importância de "motivar" o sujeito em relação aos testes é mencionada com muita insistência.

• *Em relação aos programas científicos.* Muitas sugestões indicam a necessidade de análise interna dos testes, o estudo crítico da validade, a construção de novas provas melhor adaptadas.

• *Em relação à competência do psicólogo.* É necessário melhor preparar os futuros psicólogos para que os testes deixem de ser utilizados de maneira mecânica, desenvolvendo, em particular, a dimensão clínica.

• *Qual será o futuro da utilização dos testes?*

Nove por cento dos psicólogos prevêem uma nítida regressão; 10% são favoráveis, sem restrições, ao desenvolvimento do método dos testes; 81% têm opiniões matizadas. Trata-se de uma visão positiva para o futuro, desde que as objeções e as propostas emitidas nas perguntas anteriores sejam atendidas e solucionadas.

Este conjunto de constatações, críticas e sugestões merece uma síntese que deve ser compreendida no âmbito do trabalho de orientação.

O teste deve sempre estar situado em relação à finalidade de sua utilização. Do ponto de vista de sua construção, ele deve corresponder a objetivos claros e precisos, além de satisfazer a todas as exigências da validade teórica e de construto. Quanto à sua utilização em si, deve sempre ser considerado como um meio relativo e não como um fim. Antes de tudo, o teste se insere numa filosofia de trabalho. No caso da orientação, pode-se dizer que a intervenção do psicólogo está orientada para ajudar uma pessoa. Esta ajuda deve, necessariamente, partir de uma compreensão global da pessoa (entende-se por compreensão a pessoa dever ser ajudada a melhor se conhecer para ser capaz de efetuar escolhas mais adequadas; em suma, assumir ela mesma seu destino). Nesta perspectiva, o teste não será um instrumento de saber para o psicólogo, mas um elo de clarificação pessoal para o consultante. Além disso, o teste é um instrumento relativo frente aos outros meios existentes, assim como a intervenção psicológica o é frente aos outros tipos de ajuda que o consultante poderia solicitar. Em conseqüência disso, o teste deve sempre estar situado em relação ao pedido de uma pessoa. A noção de pedido em si implica que a pessoa deseja ser ajudada e que sua procura do psicólogo é totalmente voluntária. Este aspecto, a motivação do consultante, é condição fundamental do sucesso do atendimento.

Finalizando, o teste é um instrumento que pode se tornar perigoso nas mãos de um incompetente. A adequada formação do psicólogo que utiliza os testes é de fundamental importância e garante o valor dos mesmos, sobretudo, para as técnicas projetivas que, apesar dos esforços dos pesquisadores, não respeitam todas as exigências científicas de validação. Assim, neste tipo de prova, a competência do psicólogo, sua sensibilidade, sua prudência e também sua humildade, constituem as garantias de uma interpretação profunda e séria.

Abstract

The use of tests, thar has been widely questioned, is here presented and re-discussed within the context of both professional and vocational guidance, taking as reference the work which has been done in this area by the centres psycho-médico sociaux (psycho-medical social Centers), in Belgium.

Referências bibliográficas

Gerand, M. De l'orientation à l'activation, *L'orientation Scolaire et Professionnelle*, Paris, INETOP, *7*(4):351-68, 1978.

Huteau, M. & Lautrey, J. Les origines et la naissance du mouvement d'orientation. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, Paris, INETOP, *8*(1)3-43, 1979.

Larcebeau, S. Le choix professionnel. Théories et méthodes d'étude. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, Paris, INETOP, *8*(3):203-14, 1979.

——. Motivation et personnalité, *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, Paris, INETOP, *12*(3):215-42, 1983.

Meuris, G. La méthode des tests en question, Enquête dans les Centres PMS ett d'orientation libres. *Bulletin de psychologie scolaire et d'orientation*, Bruxelles, FCPL, *29*(3):15-24, 1980.

Poortinga Y. H. et alii. A survey of attitudes towards tests among psychologists in six Western European countries. *Revue Internationale de Psychologie Appliquée*, *31*(1):7-34, 1982.

Rausch de Traubenberg, N. Utilisation des tests en psychologie clinique en France. Critiques et réalisations, *Bulletin de la Commission Internacionale des Tests*, Strasbourg, Division Évaluation e Psychologie de l'AIPA, *18:* 23-37, 1983.